

DE FRONTEIRAS, DISCURSOS E LINHAS DE FUGA: O CORPO TRAVESTI COMO RESISTÊNCIA¹

Aline Ferraz da Silva²

Dra. em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL)
Instituto Federal do Rio Grande do Sul (IFRS)
Porto Alegre, Rio Grande do Sul, Brasil

RESUMO: Neste artigo, fruto de pesquisa de doutorado em Educação, apresentamos algumas ferramentas teóricas deleuzianas para tratar da constituição da diferença travesti tecida por linhas de fuga. Utilizamos o método cartográfico sobreposto à narrativa de vida de Érika D'Luna na intenção de problematizar os regimes de verdade do sexo e do gênero na atualidade. A partir das concepções foucaultianas do discurso, da verdade e do poder, destacamos o processo de invenção de si que o Corpo Travesti realiza com sua potência desestabilizadora da suposta naturalidade biológica dos corpos, bem como os problemas que a travestilidade coloca para a política da cisheteronormatividade. Afirmamos, em última análise, o corpo como um território político de resistência e o trânsito dos corpos da diferença em territórios normativos como estratégia que permite pensarmos em possibilidades outras de vida que combatam, mesmo que provisoriamente, o controle das condutas pelos regimes de verdade.

PALAVRAS-CHAVE: Travestilidade. Cisheteronormatividade. Foucault.

ABSTRACT: In this article, result of a doctoral research in Education, we present some theoretical tools from deleuzian philosophy to approach the constitution of the travesti difference woven with lines of flight. We use the cartographic method overlapping Erika D'Luna's life narrative in order to question the regimes of sex and gender in the present days. We apply foucauldian analysis of discourse, truth and power to highlight the process of self invention that the Travesti Body creates within its disestablishing potential against the so called biological nature of bodies as well as the troubles that travestility presents to the cis-heteronormativity politics. Finally, we claim the body as a political territory of resistance and the movement of the bodies of difference as a strategy that allow us to think in other kinds of life that fight, even if provisionally, the control of oneself conduct by the regimes of truth.

KEY-WORDS: Travestility. Cis-heteronormativity. Foucault.

INTRODUÇÃO

Qual a primeira imagem, conceito, significado a que nos remete a palavra “travesti”? Homem vestido de mulher? Prostituição? Criminalidade? Sexo? Transgressão? Imoralidade? Prazer? Nojo? (In)Diferença? Ódio? Talvez todas as alternativas ou nenhuma? As travestis embaçam

¹ Este artigo é uma compilação de trechos e de algumas discussões presentes em minha tese: “Currículo e Diferença: cartografia de um corpo travesti” (SILVA, 2014).

² Professora em estágio de pós-doutorado no Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (PPGEdu - UFRGS) com fomento do Instituto Federal do Rio Grande do Sul, Processo nº 23368.002515/2019-07.

as fronteiras entre homem/mulher/hetero/homo, atrasam o significado e demoram a ser apreendidas pelo outro. Apresentam-se como diferença que atravessa a norma; aquela diferença irreduzível à identidade, que borra a separação entre natureza e cultura: diferença que não possui referente (DERRIDA, 1991)³ nem oposto binário, não se fixa nem remete à identidade, diferença que não pode ser capturada no jogo do ou isto ou aquilo, multiplicidade que está ligada ao processo, à disseminação de sentido. Talvez a travesti também possa ser vista como uma das espécies monstruosas de difícil classificação das quais trata Jeffrey Cohen: “[...] híbridos que perturbam, híbridos cujos corpos externamente incoerentes resistem às tentativas para incluí-los em qualquer estruturação sistemática” (COHEN, 2000, p. 30) e que profanam a anatomia organicista ordenadora dos corpos.

Porém, as práticas discursivas da sociedade da *scientia sexualis* (FOUCAULT, 2009a), inaugurada na modernidade europeia e da qual somos herdeiras/os, operam de forma a “[...] não poder haver uma identidade sem o sexo e [...] é precisamente através de sermos sexuados que nos tornamos inteligíveis como seres humanos” (BUTLER, 2008, p. 91). Nessa perspectiva, a diferença derridiana aplicada a pessoas Trans⁴ – e/ou intersex e não-binárias⁵ – problematiza as supostas funções e organicidade natural dos corpos, desafiando o próprio conceito de humano. No discurso da cisheterossexualidade compulsória – componente indispensável do dispositivo da sexualidade⁶ que visa ao controle e à (re)produtividade do corpo social e do individual (FOUCAULT, 2006a) —, esses corpos só possuem legitimidade quando vinculados à prostituição, à marginalidade e/ou à criminalidade. Em tal versão, explicativa dos corpos transgressores de fronteiras generificadas, a cisnormatividade também funciona de forma decisiva quando o exercício do poder define quais corpos são passíveis de luto (BUTLER,

³ A diferença derridiana destaca a construção social e histórica do significado, ela é “[...] simultaneamente espaçamento e temporização” (DERRIDA, 1991, p. 45). Por não possuir referente, ela quebra com a lógica platônica da presença metafísica, opondo-se à diferença relacional da identidade que sempre necessita do outro do par binário em sua constituição. Nesse sentido, diferir é não ser idêntico, é ser o traço que se posiciona na passagem entre os termos da oposição binária. É essa diferença que consideramos potência criadora e transgressora no Corpo Travesti.

⁴ Utilizamos o prefixo “Trans” para referir aos corpos travestis, transsexuais, transgêneros e outros que talvez ainda não tenham sido nomeados pela discursividade identitária.

⁵ Corpos que permanecem no limbo feliz de uma não identidade (FOUCAULT, 2006b).

⁶ Um dispositivo histórico, conceito que para Michel Foucault engloba discursos, instituições, classificações, enunciados, normas e que tem função estratégica no exercício do poder/saber ao encadear estímulos aos corpos, intensificar prazeres, reforçar controles e produzir resistências (FOUCAULT, 2006a; 1999).

2015), quais vidas importam e quais são descartáveis⁷.

O prefixo “cis” foi reclamado por grupos do ativismo Trans com o objetivo de problematizar os corpos supostamente normais que se encontram em conformidade – e, portanto, em situação de privilégio social em relação aos corpos dissidentes do enquadramento normativo – com o sexo que lhes foi atribuído ao nascimento. Quando o discurso sério (FOUCAULT, 2009b) da medicina enuncia ‘é um menino!’ ou ‘é uma menina!’ instala-se “um processo que, supostamente, deve seguir um determinado rumo ou direção” (LOURO, 2004, p. 15) e que estimula performances de masculinização ou de feminização do corpo que se destinem a compatibilizar gênero, sexo biológico e identidade sexual (LOURO, 1999). Assim, a cisheteronormatividade faz parte do dispositivo da sexualidade e opera para que corpos Trans sejam constante e reiteradamente transformados em abjetos pelo mesmo discurso que os agencia como fronteiras definidoras da dita normalidade sexual e de gênero. Nesse regime de verdade, o discurso normativo escrutina os corpos em busca de qualquer sinal que possa ser interpretado como fuga da cisheteronormalidade e pune simbólica e concretamente todos os que escapam do padrão.

Porém, vale lembrar que aquilo que o dispositivo histórico combate também o compõe e se, como afirma Foucault, onde há relação de poder, há resistência, os corpos Trans – e, em nossa pesquisa, o corpo travesti – tornam-se uma ameaça à produção tranquila do discurso do corpo biológico transcendental e a-histórico. Este artigo apresenta parte das discussões que compuseram a pesquisa de minha tese em Educação (SILVA, 2014), construída a partir da narrativa de vida de Érika D’Luna – o Corpo Travesti problematizador e mobilizador do trabalho –, Corpo que criou para si linhas maleáveis e de fuga que desafiaram a conduta a que se destinam os corpos dóceis e produtivos almejados pelo dispositivo da sexualidade. Esse Corpo de transgressões e de experimentações cria problemas para o discurso da cisheterossexualidade compulsória ao transitar entre os pólos homem e mulher da equação binária que separa o mundo entre masculino e feminino, pois seus processos de montagem e de permanente constituição identitária destacam a artificialidade e o caráter performático e transitório de todos os corpos e identidades.

⁷ Dados de organizações nacionais e internacionais demonstram que a cisheteronormatividade (que, em última instância, produz a transfobia), além de impedir o acesso a bens materiais e imateriais, é responsável pelos altos índices de violência – de todos os tipos – a qual a população Trans está exposta. Ver: CUNHA *et al.* (2020), BENEVIDES (2020 e SÃO PAULO (2020).

Sob influência do alerta de Foucault a respeito da indignidade de se falar em nome dos outros (DELEUZE, 2010), e seguindo a linha não interpretativa que propomos ao utilizar o método cartográfico para desenhar a narrativa de Érika D’Luna, apresentamos os vetores por meio dos quais ela tentou escapar das linhas discursivas sérias que marcavam – e ainda marcam – seu corpo como inadequado aos padrões cisheterossexistas da aceitação social: “Trata-se de inventar modos de existências, segundo regras facultativas, capazes de resistir ao poder bem como se furtar ao saber, mesmo se o saber tenta penetrá-los e o poder tenta apropriar-se deles” (DELEUZE, 2010, p. 120-121). Consideramos que a criação singular do seu Corpo Travesti nos acontecimentos narrados, um corpo de intensidades, foi a estratégia de Érika para inventar possibilidades de vida em territorialidades⁸ hostis. Por conta de tal preocupação metodológica, optamos por uma narrativa não linear, ora tramada com conceitos e discursos, ora utilizada como ilustração. Buscamos aproximações possíveis entre um corpo fluido e um corpo acadêmico mais duro, porém permeável, “[...] encontros possíveis, acasos, casos fortuitos, e não alinhamentos [...]” (DELEUZE, 2010, p. 21). O que emerge é um texto cheio de infiltrações a respeito do qual ainda não estamos seguras – e talvez nunca estejamos – que seja um território livre de fórmulas interpretativas.

AS LINHAS, O CORPO, A VERDADE

Partimos das teorizações de Gilles Deleuze e de Félix Guattari de que os corpos são atravessados e constituídos por linhas cuja flexibilidade depende do agenciamento nos próprios corpos:

[...] tento explicar que as coisas, as pessoas são compostas de linhas bastante diversas e que elas não sabem, necessariamente, sobre qual linha delas mesmas elas estão, nem onde fazer passar a linha que estão traçando: em suma, há toda uma geografia nas pessoas, com linhas duras, linhas flexíveis, linhas de fuga etc. (DELEUZE; PARNET, 1998, p. 18)

A predominância de uma ou de outra linha é uma questão de cartografia, de olhar. As linhas “[...] nos compõem, assim como compõem nosso mapa. Elas se transformam e podem mesmo penetrar uma na outra” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 84). As linhas são constitutivas e

⁸ “Territorialidad es una metáfora para designar el 'espacio' en el que se producen los movimientos del pensamiento, la circulación de intensidades deseantes y los impulsos humanos y no humanos. Es el soporte formal (o lógico no binario) que configura el sentido y posibilita el acontecimiento.” (DÍAZ, 2010, p. 91, grifo da autora).

operam ao mesmo tempo, são elas que permitem dizer que cada coisa tem uma cartografia própria (DELEUZE, 2010). São diferentes fios condutores: “[...] linhas de vida, linhas de sorte ou infortúnio, linhas que criam a variação da própria linha de escrita [...]” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 72). Linhas flexíveis e de fuga escapam à territorialidade⁹ demarcada pelas linhas duras que constituem tanto as convenções quanto as identidades pré-fixadas e as estratégias de controle que buscam estabilizar corpos e saberes. As linhas de fuga provocam deslocamentos e são provocadas por deslocamentos, mudanças de posição, de pensamento. Talvez sejam as primeiras “[...] com sua desterritorialização absoluta” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 86). Consideramos que tais linhas permitem ao Corpo Travesti criar para si um modo de vida que possibilita sua viagem por territórios de linearidade dura: família, escola, prisão.

Para desenhar o mapa provisório de Érika D’Luna desenredamos algumas de suas linhas de fuga constituintes do que consideramos ser seu processo de criação de um Corpo sem Órgãos – conceito desenvolvido por Deleuze e Guattari (2012) a partir do trabalho de Antonin Artaud com o Teatro da Crueldade – e que nomeamos Corpo Travesti. Um Corpo sem Órgãos (CsO) não apresenta organizações prévias, fixas, reguladas pela biologia, genética ou hereditariedade; é um corpo atravessado por matérias não-formadas, singularidade vagante: corpo vagamundo antropofágico que se constitui a partir da confluência com vários outros corpos, misturando linhas e territórios. Um CsO não se limita pela funcionalidade dada pela ordenação dos órgãos e atribuída previamente aos corpos (DELEUZE; GUATTARI, 2012), é, pois, um corpo que foge aos automatismos, um corpo de invenção e de experimentação (LINS, 2002).

Já que um organismo pretensamente verdadeiro, aquele legitimado pelo discurso médico-biológico, caracteriza-se pelo sedentarismo e por preservar o Mesmo, Artaud defende que destruir órgãos – e, por conseguinte, o organismo – é destruir as convenções sociais: cria-se um CsO que é nômade e promotor de mudanças (DÍAZ, 2010), pois “[...] não existe coisa mais inútil que um órgão” (WILLER, 1986, p. 161). Portanto, se concordamos que a cisheteronormatividade é parte do regime de verdade em que vivemos, o Corpo Travesti é um destruidor de convenções, pois desconhece a ordem classificatória binária dos corpos e do pensamento: sua linguagem é a dos fluxos e linhas que se encontram e se cruzam em

⁹ De acordo com Esther Díaz (2010), trata-se de uma metáfora de espaço onde se produzem os movimentos do pensamento e a circulação de intensidades e de impulsos humanos e não humanos. É um suporte formal, não binário, que possibilita o acontecimento.

movimentos contínuos de invenção e de resistência. A criação de si¹⁰ (FOUCAULT, 2009c), em diversas situações em que se viu cercada pela normatividade, foi a estratégia de luta de Érika, sua linha de fuga, para existir – e resistir – enquanto corpo que se recusa a apagar sua diferença em nome da verdade do sexo.

Para Michel Foucault, a construção de regimes de verdade sobre o sexo (ato e anatomia) iniciou na Europa do século XVIII, desde então, é possível apontar alguns conjuntos estratégicos de poder que desenvolveram discursos específicos nessa produção da verdade e que fazem parte do dispositivo da sexualidade (FOUCAULT, 2006a)¹¹. A partir do discurso psiquiátrico, por exemplo, foi nomeada e constituída a identidade do adulto perverso, da mulher histérica, da criança masturbadora, do sodomita. Esses indivíduos se tornaram objeto contínuo de investimento do saber/poder e da vigilância. Toda a *scientia sexualis* desenvolvida pelo ocidente produziu verdades a respeito do sexo que permitem um controle permanente da sexualidade humana, produzindo pânico moral e miséria sexual não somente através da repressão, mas também, e, sobretudo, através da incitação dos prazeres, da proliferação de estudos, de discursos e de saberes sobre o tema (FOUCAULT, 1999; 2006a; 2012).

Tais verdades são contingentes e mutáveis, mas, em seu tempo, funcionam como verdades absolutas e inquestionáveis – sejam elas de ordem moral, religiosa ou científica. Em Foucault (1999), esses regimes de verdade fazem parte do instrumental através do qual o poder se exerce ao controlar e disciplinar a sociedade, também, por meio da sexualidade que se assenta na encruzilhada entre o corpo individual e o corpo social.

Aqui é necessário destacarmos que, na concepção foucaultiana, o poder não é somente repressor, negativo, localizado nas instituições estatais; tampouco é algo que alguém possui, mas algo que se exerce nas relações sociais. Ele também é positivo, é um exercício cotidiano entre indivíduos, instituições, governantes, discursos, está ramificado e enredado na produção social: “[...] o poder não é uma instituição e nem um estrutura, não é uma certa potência de que alguns sejam dotados: é o nome dado a uma situação estratégica complexa numa sociedade determinada” (FOUCAULT, 2006a, p. 89). As relações de poder são produtivas: ao incitar o

¹⁰ “[...] um exercício de força sobre si mesmo, de um trabalho intelectual, ético e estético, que nos coloca numa posição quase de Sísifos, aceitando começar sempre e outra vez nossa jornada, no sentido de um desprendimento de nós mesmos, de uma modificação lenta e árdua em relação àquilo que somos e pensamos” (FISCHER, 2015, p. 947).

¹¹ Parte desta discussão está presente em meu trabalho de mestrado em Educação: “Pelo sentido da vista: um olhar gay na escola” (SILVA, 2008).

saber, o poder institui verdades e se fortalece (FOUCAULT, 1999) ao mesmo tempo em que produz resistências.

O sexo foi, assim, transformado em campo de conhecimento, em um objeto do saber, a partir de relações de poder que o constituíram como tal. O exercício estratégico de diversos discursos que se complementam (médico, psiquiátrico, jurídico, biológico, reprodutivo, pedagógico, etc.) tornou o sexo “lugar de inscrição da “nossa ‘verdade’ de sujeito humano” (FOUCAULT, 1999, p. 229):

Vivemos em uma sociedade que em grande parte marcha "ao compasso da verdade" – ou seja, que produz e faz circular discursos que funcionam como verdade, que passam por tal e que detêm por este motivo poderes específicos. A produção de discursos "verdadeiros" (e que, além disso, mudam incessantemente) é um dos problemas fundamentais do Ocidente. (FOUCAULT, 1999, p. 231, grifos do autor)

A sexualidade tornou-se um “domínio a conhecer” (FOUCAULT, 2006a, p. 93), foi problematizada e, ao criar um regime de verdade, também criou corpos nomeados como fora da conduta considerada normal que, por isso mesmo, são indispensáveis para a construção dos limites dessa mesma normalidade. Nesse processo de individuação dos corpos, as diferenças são apagadas em nome da identidade que interessa ao momento histórico de produção da verdade e o indivíduo – conceito tão caro às ciências que se ocupam do humano social – passa a ser um produto do poder (FOUCAULT, 1977) que pretende a constituição de organismos dóceis e produtivos (FOUCAULT, 2013).

Já o Corpo Travesti de Érika D’Luna, com suas experimentações que criam multiplicidades e deslocamentos, desafia a construção tranquila do indivíduo do dispositivo da sexualidade quando visibiliza outras condutas possíveis que vão de encontro ao regime de verdade do sexo cisheteronormativo da atualidade. Em sua criação de um CsO, Érika se desindividualiza: uma das ações necessárias para se viver uma vida não fascista (FOUCAULT, 1977).

PRAZERES E PERIGOS DA CONFUSÃO DE FRONTEIRAS¹²

Se concordamos que os discursos se inscrevem nos corpos (FOUCAULT, 2009a), moldam suas linhas e constituem o indivíduo da cisheteronormatividade, percebemos por que o Corpo Travesti, em sua dimensão CsO, torna-se um problema tão grande para a produção das

¹² Todas as citações diretas sem referência bibliográfica são de Érika D’Luna em entrevista concedida à autora em abril de 2014.

identidades estáveis do corpo normativo. Ao apresentar-se como diferença, o Corpo Travesti evidencia a possibilidade de criação de um estilo de vida não alinhado ao dispositivo da sexualidade que, mesmo assim, promete prazer – e talvez seja essa potência criativa o que mais produz pânico moral na sociedade da ciência sexual. Na perspectiva do dispositivo, o Corpo Travesti mistura verdade e falsidade, embaralhando binários que devem necessariamente definir as identidades homem e mulher do regime da cisheteronormatividade.

Esse corpo da diferença desequilibra a lógica do dispositivo da sexualidade. Por vezes, essa desestabilização desencadeia violentas reações, especialmente quando ele transita por territórios onde é considerado obsceno, fora de lugar: escolas, empregos formais, “luz do dia”, universidades. A seguir, apresentamos algumas das linhas de fuga – vetores de resistência, estratégias de Érika D’Luna na criação de seu CsO – que pinçamos para cartografar o Corpo Travesti em seu trânsito por territorialidades duras.

PRIMEIROS MOVIMENTOS

Érika nasceu em 1968, “[...] e é uma conquista de 68: que as pessoas falem em seu próprio nome” (DELEUZE, 2010, p. 114). O ano das microrrevoluções estudantis em Paris, do assassinato de Luther King nos Estados Unidos, da Primavera de Praga, da passeata dos cem mil no Brasil também entrou para a História como marco da irrupção dos novos movimentos sociais que colocaram a política identitária como foco de suas pautas: “Será que é por isso que eu sempre lutei pelos meus direitos?”, pergunta nossa sujeita. O estilo de vida narrado por Érika trata de festas, de burlar leis, de sexo e de amor, de prazer, de aventuras viajadoras, de alegrias mais que de tristezas. É uma narrativa leve e divertida na maior parte do tempo, que lembra inúmeras histórias que os corpos organizados em linearidades duras vivem através de livros, filmes, músicas, poemas.

Filha mais nova de uma família com seis crianças, Érika – nome escolhido com a ajuda da irmã doze anos mais velha – diz que já estava lá mesmo quando era Joel quem sofria na escola. Ela partilha histórias de vidas travestis (VALE, 2005; BENEDETTI, 2005; KULICK, 2008) que alimentam estatísticas sobre essa população: abandonou a escola, saiu de casa aos quinze anos de idade, começou a se prostituir na praça de sua cidade natal, mudou-se para São Paulo, onde trabalhou na pista e em boates, e de lá voou para a Europa. Érika correu cidades, burlou fronteiras e papéis, transitou, viajou, casou, enviuvou, acumulou corpos, criou linhas de fuga. “Passageiro clandestino de uma viagem imóvel. Devir como todo o mundo, mais exatamente,

esse só é um devir para aquele que sabe que é ninguém, que não é mais alguém” (DELEUZE; GUATTARI, 2012, p. 76). Nesses cruzamentos de fronteiras ela criou linhas de vida – por vezes muito próximas às linhas de morte – e esgarçou o tecido de significações que confere verdade aos corpos.

PAULISTANA

Dois dias e meio de carona até a cidade de São Paulo onde uma amiga a esperava. Nunca pensou em voltar antes de cumprir o caminho traçado. “Tenho de chegar lá onde eu idealizei, depois eu vejo. Se for bom eu fico, se não eu volto, mas antes tenho que ver como é”.

Corpo vagamundo, que sabe aonde quer chegar, mas não sabe de que maneira, seu percurso é criado durante a viagem. “Ultrapassar fronteiras constitui o mote dessa experiência, feita de passagens e itinerâncias” (VALE, 2005, p. 133). Trabalhando nas ruas e boates da capital paulista – “eu tava acostumada a sair com desde o assalariado até o juiz” – Érika acumulou capital para outras transposições de fronteiras: “Em São Paulo, a gente não parava na pista”.

NARRATIVA

Érika utiliza a segunda pessoa do singular em várias de suas formulações. Com seus “tus” ela nos convida a ocupar seu lugar, aproxima o outro de si. “A lei ajudou a TU frequentares uma escola. A lei TE ajudou a chegar em uma delegacia, chegar na frente do juiz e ter o TEU direito garantido”. A institucionalização escolar e a igualdade perante a lei são direitos há muito tempo, pelo menos desde o século XIX, exercidos por e sobre os corpos legitimados pelo dispositivo da sexualidade. O marcador linguístico que joga o interlocutor para dentro do discurso de Érika mostra o quão estranho soaria narrar a recente obtenção de direitos civis básicos se o falante, ao invés de um Corpo Travesti, fosse um corpo organizado e marcado como um dos componentes da dupla binária do sexo: homem ou mulher.

Nas histórias que ela conta e incorpora, estão outras travestis tramadas em sua narrativa de si histórias de uma amiga assassinada pelo namorado michê e de outra, cuja família devolvia seus presentes, histórias das amigas que não sabiam ler ou escrever, de uma colega expulsa de casa pela mãe e de uma outra, que teve de matar um cliente para não ser morta, da amiga que foi para o presídio por tráfico e da sobrinha transgressora de um famoso político.

ESCOLA I

Érika estudou na rede pública. Permaneceu na escola até a quarta série do primeiro grau (atualmente, equivalente ao quinto ano do ensino fundamental), quando desistiu da educação formal depois de ter frequentado a terceira série por três anos consecutivos. Conta que foi forçada a deixar a escola por causa das ameaças de agressão física que recebia de estudantes das outras turmas e do preconceito dos agentes educacionais que se omitiam frente ao sofrimento que lhe era imposto. “Já que eles não me aceitaram, eu não tinha que aceitar viver da maneira que eles queriam. Se eu tivesse que ir para uma escola, eu ia ter que fazer, ser, da maneira que eles queriam.”

Em seu caráter universalista do saber, a escola opera como uma das principais estratégias daquilo que pode ser chamado de dispositivo das identidades e que “busca definir para cada indivíduo um conjunto de traços corporais, uma história, um nome, uma série de lugares e classificações que o venha localizar e prender numa rede de poderes e saberes” (ALBUQUERQUE JR., 2009, p. 101). Seguindo essa linha pedagógica, saberes, corpos e vidas são posicionados como autênticos ou não em uma hierarquia de conhecimento que procura dispensar tudo que possa ameaçar a formação regrada do corpo educado: esse deve ser marcado pelos saberes validados universalmente e pelos princípios da autorreflexão e da autorrealização (HUNTER, 1998).

O Corpo Travesti Érika engendrou um estilo de vida diferente daquele que comumente se espera dos corpos educados: “O que eu aprendi não foi com a escola. A escola serviria para eu me formar, para eu ser uma advogada, dentista, o que fosse. Mas não assim para eu conhecer as pessoas e saber como eu deveria agir”. Um CsO, em sua inventividade, valoriza outras concepções de saber: saberes não institucionalizados que passam ao largo da instrumentalização que autoriza o exercício de uma profissão, por exemplo. Em um território marcado pelas respostas certas ou erradas, a diferença que o Corpo Travesti carrega é capaz de criar linhas de fuga que levem ao questionamento das identidades sexuadas e generificadas da cisheteronormatividade, cuja produção também é responsabilidade do dispositivo escolar.

Mecanismos pedagógicos de controle das condutas também operam pelo silenciamento. A invisibilização dos corpos que não correspondem aos objetivos do currículo normalizador é uma prática que procura apagar a diferença. Aquilo que não se vê não existe, não ameaça e ignorar passa a ser uma das estratégias curriculares mais potentes na perpetuação da violência institucional contra quem difere.

POLÍCIAS E ESTRATÉGIAS I

Enquanto Érika vivia em Milão, o governo italiano “inventou uma cadeia para estrangeiros”. Qualquer um que fosse pego pelas autoridades sem o visto era encaminhado para a delegacia que fazia a triagem entre aqueles que seriam deportados e os que seriam enviados para o presídio à espera de processo judicial. Essa medida atingiu em cheio as prostitutas que, em sua maioria, com ou sem pênis, eram estrangeiras. Nessas delegacias, a humilhação era estratégia recorrente dos agentes policiais: “Falavam horrores da nossa vida, nos humilhavam. Veja bem! Europa: primeiro mundo! E tu tinhas que ficar quieta. Eles nos torturavam psicologicamente. Quando viravam as costas eu chorava”.

Porém, como sabemos, onde há poder, há resistência e o humor foi a ferramenta utilizada por Érika para transitar no território prisional. Quando era levada para a delegacia, ficava observando as condutas policiais “até eu achar uma fresta onde eu pudesse conseguir a simpatia das pessoas”. Corpo Travesti que racha o discurso sério da autoridade institucional, infiltra-se pelas frestas e inverte a relação de poder pelo humor. “E no final acabava tudo em brincadeira: eles riam e me mandavam embora. Perguntavam as coisas e eu mentia horrores, falava o que eles queriam escutar”. Mentira potencializadora da vida.

Usando uma estratégia parecida com a da travesti que exige mais dinheiro do cliente e ameaça arrancá-lo do armário caso não seja atendida – pouco importando se o homem em questão é homossexual, já que a mera insinuação dessa possibilidade já seria motivo de vergonha pública (KULICK; KLEIN, 2010) –, Érika D’Luna cria linhas de fuga que rumam para mundos de festas intermináveis em sua casa luxuosa e convida os policiais para visitá-la. Invenção de um mundo que lhe permite transitar entre a legalidade e a ilegalidade, cruzar fronteiras e sair ilesa, enquanto cria suas linhas de vida.

POLÍCIAS E ESTRATÉGIAS II

Érika conta que durante seus anos como paulistana, a perseguição policial era constante e ela e as colegas tinham que se cuidar “vinte e quatro horas por dia”, não somente quando estavam trabalhando na pista. Uma das estratégias adotadas pelos policiais era vigiar a porta de estabelecimentos comerciais na espera por alguma cliente travesti: “no momento que eu saia eles nem perguntavam nada e me colocavam na viatura. Foi nessa época que a mídia começou a focar na gente porque era muita morte”.

MONTAGEM

Desde quando se lembra, Érika gostava de usar roupas e sapatos das irmãs. “Tudo quanto é adulto via que eu tinha um jeitinho, né amor?!” Foi com cerca de doze anos, em um carnaval, que ela começou a se montar. Usava a festa como desculpa para viver a “vontade de se vestir de mulher” publicamente.

A montagem é afirmação e fonte de prazer para as travestis. Ao mesmo tempo, a valorização desse processo aproxima-se daquilo que Foucault chamou de dessexualização do prazer: “Se consideramos, por exemplo, a construção tradicional do prazer, constata-se que os prazeres físicos, ou os prazeres da carne, são sempre a bebida, a comida e o sexo. É aí que se limita, penso eu, nossa compreensão dos corpos, dos prazeres” (FOUCAULT, 2004, p. 264). A montagem cria outro tipo de prazer. Gozo que, dissociado da dietética e da erótica, quebra a lógica que organiza o regime dos prazeres corporais. Prazer do Corpo sem Órgãos. A criação do Corpo Travesti destaca que é possível disseminar o prazer para além do sexo e isso atinge a cisheteronormatividade em um ponto estratégico: a produção da identidade estável calcada no discurso do corpo biológico. “Acham que o cara 'tá se vestindo de mulher pra fuder e não é”¹³. Muitas vezes, esse estremeamento gerado no dispositivo da sexualidade acaba por expulsar as travestis da casa dos pais.

Na invenção de si, Érika fabricou corpos eventuais. O Corpo Travesti, ao escapar da regra do sexo biológico e problematizar o pressuposto cisheterossexual, destaca que todos os corpos são montagens, performatividades (BUTLER, 1999) diárias. O homem que deixa a barba crescer ou a mulher que se depila realizam um processo produtor e reiterador de suas identidades sexuais tal qual a travesti que se maquia. Essa capacidade em contestar as identidades ditas estáveis é uma ameaça à imposição tranquila da cisheteronormatividade sobre os corpos. Ao mesmo tempo, nem sempre esse corpo cria linhas de fuga, por vezes, ele inclusive reforça segmentaridades duras como padrões de beleza e condutas femininas estereotipadas. E isso faz parte do jogo.

¹³ Fala de uma das participantes do documentário “Voo da Beleza” (O VÔO, 2012).

VERGONHA

“Aqui na cidade nem salão de beleza admitia travesti naquela época”. Érika passou a viver montada a partir de meados dos anos 1980, década em que a ditadura civil-militar que governava o Brasil chegou oficialmente ao fim, período de efervescência dos movimentos sociais. Na mesma época, organizações de homossexuais apostavam na dimensão subversiva da homossexualidade – androginia, liberdade sexual, promiscuidade, afetação – que deveria ser celebrada publicamente por sua força criativa e antiautoritária, somando-se à luta pelo fim da ditadura e pela transformação da sociedade (KULICK; KLEIN, 2010).

Essa foi a mesma época em que Roberta Close, eleita a mulher mais bonita do Brasil, e outras travestis faziam sucesso na mídia. Aquelas que alcançam fama tornam-se exceções que confirmavam a regra do desprezo e da marginalização vivida pela maioria das travestis (KULICK, 2008): “Às vezes, a gente passava na frente de uma loja e os vendedores iam para porta e ficavam rindo da gente”. A ambivalência de sentimentos que a nossa sociedade apresenta com relação às travestis pode ser o resultado da confusão identitária sexual e de gênero que elas geram (KULICK; KLEIN, 2010). Dificuldade de apreensão de si mesmas que elas criam dentro do sistema classificatório do dispositivo da sexualidade.

Muitas travestis invertem a relação de poder ao utilizar o escândalo e a vergonha alheia como tática de resistência contra seus desafetos (KULICK; KLEIN, 2010). Algumas vezes, clientes que se recusam a pagar são intimidados com a possibilidade de serem arrancados do armário pela profissional que os atendeu. Outras vezes, essa mesma tática é utilizada contra qualquer homem que tente constranger uma travesti em público. O deboche sobre a passividade sexual que ameaça a masculinidade, e a conseqüente vergonha produzida nesses homens pela mera possibilidade de serem identificados como gays enrustidos, funcionam como estratégias que permitem às travestis criar meios de sobrevivência que vão além de um bom pagamento.

ESCOLA II

Um dia Érika faltou na autoescola. Na próxima aula, achou que a turma estava diferente, muito mais receptiva, mais simpática com ela do que de costume e ficou se perguntando o que teria acontecido. No intervalo para o cigarro, conversando com colegas, Érika soube que, no dia de sua ausência, algumas colegas questionaram a professora da turma a respeito de como deveriam tratar e referir-se à ela: ele ou ela? A professora contou que a aluna já havia lhe solicitado ser nomeada Érika na hora da chamada oral, ao que a professora concordou desde que nos testes e

documentos oficiais Érika assinasse como Joel. O que mudou? As colegas tinham ouvido, na voz da professora, o discurso autorizado (FOUCAULT, 2009a) afirmar que era mais apropriado tratar Érika como mulher, já que ela mesma havia se manifestado nesse sentido. “Eu entrei na sala de aula e senti que **algum acontecimento tinha acontecido** por causa minha”.

Érika não poderia ter usado expressão mais exata: algo se passou (DELEUZE, 2010), o Corpo Travesti movimentou a curiosidade, o pensamento se descolou e os colegas se preocuparam em saber como ela gostaria de ser chamada. Os colegas precisavam de uma certeza, a dúvida sobre a categorização os afastava daquele corpo de diferença, daquela intensidade. Um acontecimento aconteceu. Uma linha dura flexionou, o regime de verdade cisheterossexista foi infiltrado, rachado, pelo Corpo Travesti. E se a resposta tivesse sido outra? “Então as pessoas acham que você gasta uma grana em peito, bunda, maquiagem para ser chamada de João?! Respeite meus peitos!”¹⁴. Muitas travestis e transexuais concordam que a insistência institucional em dar tratamento masculino aos seus corpos marcadamente femininos é uma das maiores violências praticadas na escola¹⁵. O poder exercido pelo discurso que nomeia um corpo como homem ou mulher chama a autoridade biológica e não admite nada entre esses dois pólos, pois o processo de produção do corpo educado passa pela anulação das dúvidas, das indecisões.

Na escola, lugar de luta pela imposição da igualdade formal, é preciso ter certeza. Mas o Corpo Travesti é outra coisa. É o corpo de invenção do qual nos falamos Deleuze e Guattari (2012), um corpo criativo a operar por outros códigos que não os da lei, do contrato ou das instituições. Um corpo em estado nômade, posição que se define pela “subversão das convenções estabelecidas” (BRAIDOTTI, 2000, p. 31). Ao se apresentar nômade, vagante, vagabundo, esse corpo em constante movimento ora transgride, ora reafirma a cisheteronormatividade. Composto por todas as segmentaridades – duras, flexíveis, de fuga – que não cessam de se misturar e de produzir umas às outras (DELEUZE; GUATTARI, 2012).

EUROPEIA

A linha de fuga da prostituição levou Érika para Milão acompanhada por uma amiga da Bahia a quem conheceu em São Paulo. A Baiana tinha batalhado na França e voltou para o Brasil no final da década de oitenta, quando o governo francês iniciou uma campanha contra a

¹⁴ Fala de uma das entrevistadas no documentário *O voo...* (2012).

¹⁵ Tema amplamente explorado por Luma Andrade (2012) em sua tese “Travestis na escola: assujeitamento e resistência à ordem normativa”.

prostituição travesti. Foi nessa época que a expressão “voo da beleza”¹⁶ tornou-se conhecida entre as travestis brasileiras: “É da beleza porque tu não paga passagem: volta belíssima e de graça”.

Érika chegou à Europa de virada com café, álcool e estimulantes: “Quando me dei conta eram quatro da manhã e eu estava em um avião indo para Europa. Dura!”. Ainda no Brasil, trocou a cirurgia para implante de silicone pelas passagens rumo a Itália onde, segundo a amiga Baiana com quem viajou, prostituindo-se poderia em pouco tempo ganhar dinheiro suficiente para por dez peitos. “A Europa enseja o coroamento de uma vida vivida em fronteiras e ultrapassagens, [...] se apresenta como ‘sonho dourado’ de pessoas que cedo conheceram a injúria, a violência doméstica e encontraram na venda de serviços sexuais uma fonte de renda” (VALE, 2005, p. 20, grifo do autor). Mantido no passaporte, Joel obrigou Érika a lavar o rosto no banheiro do aeroporto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Tentamos cartografar o Corpo Travesti utilizando algumas das suas linhas constitutivas arbitrariamente destacadas por nós durante o mapeamento que partiu da narrativa de si de Érika D’Luna. O mapa que desenhamos foi constituído por encontros que foram marcados em uma territorialidade dura: a dos estudos acadêmicos, delimitada por linhas disciplinares e teóricas que demarcam as fronteiras da produção do conhecimento científico; mas também buscamos as linhas flexíveis e as de fuga. A cartografia foi, portanto, o instrumento de trabalho que possibilitou viajar pelo território ordenado da academia em busca desse encontro e, ao mesmo tempo, destacar algumas das linhas duras, flexíveis e de fuga que compõem a categoria Corpo Travesti. Ao propor uma cartografia que parte de narrativas de si, procuramos mapear linhas de força, estratégias de poder, regimes de verdade e intensidades que se cruzam, tensionam e marcam a produção do Corpo Travesti como ferramenta de resistência aos processos normativos.

Se “a melhor maneira de viajar é sentir” (PESSOA, 2009, p. 13), talvez as viagens cotidianas em linearidades duras por caminhos que estreitam o pensamento sejam as mais custosas. Essas são as que passam por territorialidades onde a viajante sente constantemente a agressão, a

¹⁶ Expressão utilizada no meio travesti como referência às viagens para Europa e aos rendimentos obtidos com a prostituição internacional que possibilitam a criação de si através de plásticas, cirurgias, implantes (VALE, 2005).

indiferença e a exclusão produzidas por vetores que pretendem disciplinar o corpo, submetê-lo à norma e dificultar seu trânsito. Alguns corpos são interrompidos por essas dificuldades e, como forma de sobrevivência, tentam aproximar-se o máximo possível da norma; muitos transformam-se nela e esvaziam seu potencial criativo.

A partir da singularidade da narrativa de Érika D’Luna podemos destacar o corpo enquanto território político de disputas pela verdade, de exercício das relações de poder e de resistência. Também é possível ouvir ecos de outros corpos que destoam, que realizam a criação de si em suas viagens diárias como estratégia de sobrevivência. Corpos que fogem, que escapam ao controle das condutas, capazes de inventar a vida em um mundo de discursos objetificadores e produtores de abjeção de todas e todos que não correspondam às taxionomias pré-determinadas por esses mesmos discursos redutores e invisibilizadores da diferença.

REFERÊNCIAS

ALBUQUERQUE JR., Durval Muniz de. A Bela ou a Fera: os corpos entre a identidade da anomalia e a anomalia da identidade. In: RAGO, M. e VEIGA-NETO, A. (org). **Para uma vida não-fascista**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

BENEDETTI, Marcos Renato. **Toda feita: o corpo e o gênero das travestis**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

BENEVIDES, Bruna. **Assassinatos de pessoas trans voltam a subir em 2020**. 2020.

ANTRA Associação Nacional de Travestis e Transexuais. Disponível em:
<https://antrabrasil.org/2020/05/03/assassinatos-de-pessoas-trans-voltam-a-subir-em-2020/>.
Acesso em: 26 jun. 2020.

BRAIDOTTI, Rosi. **Sujetos nómades: corporización y diferencia sexual en la teoría feminista contemporánea**. Buenos Aires: Paidós, 2000.

BUTLER, Judith. Corpos que pesam: sobre os limites discursivos do "sexo". In: LOURO, Guacira Lopes (org.). **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. p. 151-172. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva.

_____. Inversões sexuais. In: PASSOS, Izabel C. Friche. **Poder, normalização e violência: incursões foucaultianas para a atualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008.

_____. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2010.

_____, Judith. **Quadros de guerra: quando a vida é passível de luto?**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015.

COHEN, Jeffrey. A cultura dos monstros: sete teses. In: SILVA, Tomaz. Tadeu. (org.). **Pedagogia dos monstros: os prazeres e os perigos da confusão de fronteiras**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

CUNHA, Thaís *et al* (ed.). **Transexuais no Brasil: uma luta por identidade: os desafios que travestis e transexuais enfrentam por viverem no brasil, um dos países mais intolerantes do mundo. Os desafios que travestis e transexuais enfrentam por viverem no Brasil, um dos países mais intolerantes do mundo**. Elaborado por Correio Braziliense. Disponível em: <http://especiais.correio braziliense.com.br/luta-por-identidade>. Acesso em: 26 jun. 2020.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia**, vol. 3. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2012.

DELEUZE, Gilles.; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

DERRIDA, Jacques. A Diferença. In: **Margens da Filosofia**. Campinas: Papyrus, 1991.

DÍAZ, Esther. **Entre la tecnociencia y el deseo: La construcción de una epistemología ampliada**. 2. ed. Buenos Aires: Biblos, 2010.

FISCHER, Rosa Maria Bueno. Arte, pensamento e criação de si em Foucault: breve ensaio. **Currículo sem Fronteiras**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 945-955, set./dez. 2015. Disponível em: ><http://www.curriculosemfronteiras.org/vol15iss3articles/fischer.htm><. Acesso em: 30 out. 2019.

FOUCAULT, Michel. **Introdução à vida não fascista**. In: Gilles Deleuze e Félix Guattari. *Anti-Oedipus: Capitalism and Schizophrenia*, New York, Viking Press, 1977, pp. XI-XIV.. 1977. Tradução: wanderson flor do nascimento. Disponível em: ><http://michel-foucault.weebly.com/uploads/1/3/2/1/13213792/vidanaofascista.pdf><. Acesso em: 26 mar. 2020.

_____. **Microfísica do poder**. 13. ed. Rio de Janeiro: Graal, 1999.

_____. Michel Foucault, uma entrevista: sexo, poder e política da identidade. In: **VERVE**, n. 5, p. 260-277. São Paulo: Programa de Estudos Pós-Graduados em Ciências Sociais, PUC-SP, 2004.

- _____. **História da sexualidade 1:** A vontade de saber. Rio de Janeiro: Graal, 2006a.
- _____. **Ditos e Escritos vol. V:** Ética, Sexualidade, Política. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006b.
- _____. **História da Sexualidade 2:** O uso dos prazeres. Rio de Janeiro: Graal, 2009a.
- _____. **A ordem do discurso:** aula inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 19. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2009b.
- _____. **História da Sexualidade 3:** O cuidado de si. 10. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2009c.
- _____. O retorno da moral. In: **Ditos e Escritos vol. IV:** Estratégia, Poder-Saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.
- _____. **Vigiar e Punir:** o nascimento da prisão. 9. ed. Lisboa: Edições 70, 2013.
- HUNTER, Ian. **Repensar la escuela:** subjetividad, burocracia y crítica. Barcelona: Pomares Ediciones, 1998.
- KULICK, Don. **Travesti:** prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fiocruz, 2008.
- KULICK, Don; KLEIN, Charles. Scandalous Acts: the politics of shame among brazilian travesti prostitutes. In: HALPERIN, David; TRAUB, Valerie (orgs). **Gay Shame.** Chicago: University of Chicago Press, 2010. p. 215-238.
- LINS, Daniel. **Que pode o corpo.** Rio de Janeiro: 2002.
- LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho:** ensaios sobre sexualidade e teoria queer. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- _____. **O corpo educado:** pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.
- O VOO da beleza. Direção de Alexandre Câmara Vale. Produção de Alexandre Câmara Vale. Paris: Clan do Cinema, 2012. Son., color. Legendado. Disponível em: ><https://www.youtube.com/watch?v=k2g5DfY6kpo><. Acesso em: 29 nov. 2017.
- PESSOA, Fernando. **Livro de Viagem:** a melhor maneira de viajar é sentir. Lisboa: Guerra e Paz, 2009.
- SÃO PAULO. LETYCIA BOND. (ed.). **Pesquisa mostra aumento da violência contra**

peças trans no Brasil. 2020. Elaborado por Agência Brasil. Disponível em:
<https://agenciabrasil.ebc.com.br/direitos-humanos/noticia/2020-06/pesquisa-mostra-aumento-da-violencia-contra-pessoas-trans-no-brasil>. Acesso em: 30 jun. 2020.

SILVA, Aline Ferraz da. **Pelo sentido da vista**: um olhar gay na escola. 2008. 89 f.
Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2008.
Disponível em: ><http://hdl.handle.net/123456789/1709><. Acesso em: 18 abr. 2019.

SILVA, Aline Ferraz da. **Currículo e diferença**: cartografia de um corpo travesti. 2014. 104 f.
Tese (Doutorado) - Curso de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2014.
Disponível em: ><http://repositorio.ufpel.edu.br/handle/ri/2741><. Acesso em: 20 mar. 2019.

VALE, Alexandre Fleming Câmara. **O Voo da Beleza**: travestilidade e devir minoritário..
2005. 308 f. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade Federal do Ceará,
Fortaleza, 2005.

WILLER, Cláudio. **Escritos de Antonin Artaud**. Porto Alegre: L&PM, 1986.